

A TRADUÇÃO NUM MUNDO GLOBALIZADO
– DA ARTE À LINHA DE MONTAGEM
Alexandra Albuquerque e Maria de Lurdes Guimarães

INTRODUÇÃO

Na última década, essencialmente devido ao uso crescente de tecnologias – das quais se destaca a Internet – e à globalização da economia, virtualização do mundo e “industrialização da comunicação” (Sager, 1993:1) daí resultantes, todas as profissões sofreram alterações ao nível dos métodos, processos e ferramentas de trabalho. A profissão de tradutor – como actividade de comunicação que é – não foi excepção, principalmente a dos tradutores de textos técnicos e científicos. Assim, até os tradutores mais conservadores e tradicionais – fechados nas suas *torres de marfim*, dedicados à arte da tradução, rodeados de páginas e páginas de papel de in-fólios utilizados e reutilizados em quase todos os textos a traduzir – já se aperceberam de que o papel impresso não acompanha o ritmo de desenvolvimento da ciência e da tecnologia e de que é preciso recorrer a outras ferramentas para não ficar para trás. Por outro lado, os sucessivos avanços ao nível da Tradução Automática (TA), que, em algumas situações, oferece resultados bastante satisfatórios, com a vantagem de ser mais rápida e económica¹, criaram o espectro da extinção da Tradução Humana e, a mais curto prazo, do desemprego, obrigando o tradutor a estar atento e a desenvolver novas competências. No entanto, sobre a TA falaremos mais adiante.

Num mundo onde até a comunicação e a(s) linguagem(s) já foram industrializadas – basta lembrarmos quantas cartas já não se escrevem porque há o telefone, o e-mail ou o SMS... –, o tradutor é, cada vez mais, um aprendente, investigador e “camaleão”, que não pode pensar que com um curso de Línguas e/ou uma especialização e com conhecimentos de *Word* tem trabalho garantido para o resto da vida, mas terá de saber quando deve adquirir, manter ou largar uma área de especialização, onde fazer a aprendizagem necessária de uma forma rápida e económica, e quais as tecnologias que deve dominar.

O tradutor, hoje em dia, tem de manter-se, acima de tudo, actualizado, uma vez que a tradução é um negócio, e cada vez mais um negócio de segundos, que vive da lei da oferta e da procura e cujo sucesso ou fracasso

depende, em primeiro lugar, de “estar no local certo à hora certa” e, em segundo lugar, de conseguir realizar um bom trabalho que satisfaça o cliente de forma a fidelizá-lo e a rendibilizar o eventual investimento realizado. Ora, isto só é possível se (i) o tradutor dispuser de um bom sistema de comunicação – com o mundo e com o cliente – (ii) conseguir aceder rápida e eficazmente à informação de que necessita e (iii) criar e actualizar bases de dados e memórias de tradução, de modo a facilitar, acelerar e melhorar trabalhos futuros.

Finalmente, no mundo globalizado em que vivemos, o tradutor enfrenta, ainda, outros desafios: o da solidão no meio de muita gente e o da existência virtual. Se, desde sempre, a tradução exigiu alguma solidão, até há algum tempo, essa solidão poderia ser atenuada pelo facto de o tradutor se sentir uma peça fundamental e decisiva no processo tradutivo: era ele e o cliente ou, na pior das hipóteses, ele, a agência e o cliente e, sempre que necessário, poderia estabelecer-se contacto pessoal ou telefónico. Assim, os nomes, de uns e de outros, tinham rosto, corpo e existência palpável. Por outro lado, a tradução estava praticamente dependente do tradutor, podendo, para além dele, haver eventualmente um revisor. Actualmente, este cenário alterou-se por completo e o tradutor mais não é que um “operário” na linha-de-montagem em que o processo tradutivo se tornou. Hoje em dia, os trabalhos de tradução são projectos, em que hierarquicamente acima do tradutor, ou melhor, dos tradutores – porque em grandes trabalhos de tradução há sempre uma equipa de tradutores, onde cada um monta uma parte do texto – há outros elementos, do revisor ao gestor de projectos. A gestão desses projectos é, muitas vezes, feita virtualmente e o tradutor não passa de um nome ou de uma referência numa bolsa de mão-de-obra, não tendo contacto palpável com o cliente ou com a agência. A tradução é, cada vez mais, uma tele-profissão: um projecto americano, por exemplo, pode ser realizado por tradutores do mundo inteiro.

1. Algumas estratégias de sobrevivência

1.1 Não basta ser bom, há que ser o melhor!

Numa actividade dependente das leis do mercado, o tradutor está ainda sujeito à exigência de qualidade das empresas que solicitam trabalhos de tradução. Como diz Wright (1993: 85):

[...] A company's commitment to high quality is reflected in its literature and product documentation. Quality-minded industries increasingly emphasize the theory that company quality is only as high as the standard maintained by its least-quality-conscious employees. Translators cannot afford to be an exception to this concern.

Embora sabendo que, infelizmente, esta nem sempre é a orientação das empresas de tradução e que muitas ainda se pautam pelo critério do preço e não pelo da qualidade, estamos igualmente conscientes de que a imagem, nomeadamente a que panfletos, páginas *Web*, etc. transmitem é, cada vez mais, um cartão de visita que pode abrir (ou não) muitas portas num mundo global multilíngue. Como tal, o tradutor tem que ter como lema a qualidade, pelo que:

- deve dominar a(s) língua(s) de partida e de chegada como um nativo (muito especialmente a de chegada, de modo a não limitar a sua tradução ao “meramente correcto” (*ibidem*: 69) e poder transferir o conteúdo com correcção estilística, respeitando os valores culturais envolvidos);
- deve especializar-se, mas em mais do que uma área.

De facto, um bom tradutor não tem que saber traduzir tudo, mas também não se pode limitar a traduzir apenas uma área: há que ser especialista em várias matérias e, acima de tudo, ir mudando de área conforme as necessidades do mercado.

- deve ter uma boa capacidade de adaptação e de aprendizagem: deixar uma área que já não tenha procura e trabalhar numa nova, de forma a procurar novos clientes que substituam os perdidos; estar sempre actualizado; procurar dominar novas ferramentas de trabalho (*software*, *hardware*, recursos, fontes de informação, etc.); saber viver na constante incerteza;
- ser tecnocrata. No contexto actual, é impensável ser tradutor sem recorrer às Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC). Começando pelo indispensável PC, passando pelo *software* para tradução (quer ao nível da tradução automática, quer ao nível da tradução assistida), pelo correio electrónico e, claro, pela Internet, só para dar alguns exemplos, o tradutor tem de, forçosamente, dominar estas ferramentas se quiser “existir” e trabalhar. De facto, muitos clientes praticamente já só comunicam com o tradutor através de correio electrónico – o que, seguramente, será prática generalizada nos próximos anos – e a grande maioria dos Textos de Partida (TP) são ficheiros electrónicos, geralmente anexos à mensagem de correio electrónico. Por outro lado, e como veremos mais pormenorizadamente à frente, a Internet, e muito especialmente a *World Wide Web* (WWW), já fazem parte do quotidiano de qualquer tradutor, quer como ferramenta de trabalho, quer como anúncios classificados;
- deve construir, à medida que vai traduzindo, memórias de tradução e bases terminológicas. Este trabalho extra revelar-se-á muito útil em projectos futuros, no que se refere (i) à poupança de tempo de pesquisa² e de tradução e (ii) à qualidade do serviço prestado.

Na tradução técnico-científica, o domínio da terminologia é, sem dúvida, essencial: um bom tradutor técnico tem que ser também um bom terminólogo. Como tal, é necessário que saiba fazer glossários – pois, muitas vezes, os facultados pelo cliente não são de grande utilidade, mais não sendo que meras listas de termos sem fonte ou contexto, o que pouco ou nada ajuda um tradutor consciente da polissemia que também perpassa os termos técnicos – e que os actualize à medida que vai realizando outros trabalhos na mesma área. Por outro lado, as memórias de tradução – recurso de que um bom tradutor já não pode prescindir – rendibilizam ao máximo o trabalho anterior do tradutor, evitando que este tenha de traduzir o que já traduziu num outro texto, aumentando assim a sua produtividade.

Concluindo, a união entre (i) a “cross-lingual and cross-cultural transfer of information” (Austermühl, 2001: 12) – aliando, neste processo de transferência dos TP para o Texto de Chegada (TC), “clareza, concisão e correcção” (Herman, 1993: 11) a “soluções *estilisticamente apropriadas*” (Wright, 1993: 70) – reforçada pelo (ii) bom conhecimento da área de trabalho e (iii) pelo uso da(s) tecnologia(s) adequada(s) fará de qualquer tradutor um excelente profissional.

1.2 Do linguista ao especialista e vice-versa

Já é velha a questão: “quem traduz melhor? O linguista ou o especialista?” mas, até agora, ainda não se conhece nenhum estudo que comprove claramente a maior vocação de um ou de outro. De facto, e porque estamos a lidar com (i) um acto de comunicação, (ii) pessoas e (iii) com tudo o que (ii) implica (dom, formação, capacidade de trabalho, personalidade, etc.), esta pergunta não tem resposta fácil. Em alguns casos será o linguista e noutros o especialista. Estudos realizados em Honolulu e Poznan (Niedzielski e Chernovaty, 1993), com doutorandos e alunos do ensino secundário, provaram que, mais do que ser uma coisa ou outra, há que ter talento e já alguma tendência inata. Depois, quer o linguista-especialista, quer o especialista-linguista traduz bem conteúdos se tiver “maturidade e experiência nalguma área” (*ibidem*: 139). Ora, essa experiência tanto pode ser adquirida em formação de base – no caso dos especialistas – ou numa formação ao longo da vida – no caso dos linguistas. A formação então adquirida terá de ser, num caso e noutro, suficiente mas não necessariamente igual, uma vez que, segundo os mesmos autores, “the technical knowledge required of a translator depends on the degree of technicality of the text.” (*ibidem*).

Mas não terão também os especialistas que se tornar linguistas? Da mesma forma que não basta ter conhecimentos linguísticos para traduzir, também não

basta ser especialista numa área. O tradutor tem de ter capacidades de escrita bem desenvolvidas na língua alvo. É por isso que muitos bilingues não estão necessariamente talhados para a tradução. O tradutor deve ainda possuir um conhecimento bastante completo em terminologia, estilo e das línguas de e para que traduz, ou seja, o tradutor deverá ser tanto especialista da língua como das áreas com que trabalha. Porém, o tradutor é sobretudo um especialista da língua e a sua especificidade reside na capacidade de transferência de informação e de ideias de uma língua para outra, ou seja, em ser mestre na comunicação intercultural:

Documents must speak “the language” of the target audience and should resemble other texts produced within that particular language community and subject domain. Furthermore, target language texts should in no way offend ethnic, sexual or other culture-related sensibilities. In some cases, differences in text type applications from language/society1 to language/society2 require drastic revision of even apparently straightforward, factual documents. (Wright, 1993: 70)

1.3 Domínio de novas ferramentas de trabalho

As “novas” ferramentas são sobretudo electrónicas (em formato digital ou em linha) e, ao contrário das ferramentas “clássicas”, em papel, conseguem acompanhar muito melhor o desenvolvimento terminológico da ciência e da técnica, pelo que, quando bem utilizadas, podem otimizar o desempenho do tradutor. A eficiente utilização das mesmas passa, essencialmente, por as saber compatibilizar com os diversos estádios do processo tradutivo (Austermühl, 2001: 11) que, segundo o modelo de Holmes (*apud* Austermühl), são três:

- Recepção (do TP);
- Transferência (adaptação linguística e cultural do TC);
- Formulação (do TC).

Cada um destes estádios, embora interdependentes, exige ferramentas diferentes, devido à sua especificidade. O primeiro – Recepção – baseia-se na descodificação da informação linguística do TP, pelo que as ferramentas mais úteis nesta tarefa serão dicionários (o mais actualizados possível) e bases terminológicas, de forma a melhor contextualizar os termos; o segundo – Transferência – é já bem mais complexo. Nesta fase, o tradutor não se limita a descodificar e a contextualizar termos, ou seja, a uma operação linguística, mas terá de ter competências comunicativas interculturais suficientes, de modo a proceder a uma análise contrastiva das duas culturas. Assim, deverá recorrer agora não só aos dicionários e bases terminológicas, mas também a algumas enciclopédias, revistas especializadas, literatura especializada, etc.; por fim, há

que “produzir” o TC – Formulação – o que exige bons conhecimentos de gramática, sobretudo relativamente às relações sintagmáticas e colocação dos termos. Para isso, o tradutor pode ainda socorrer-se dos dicionários e bases terminológicas (se estes tiverem estas informações) mas deverá utilizar *corpora*, a fim de poder verificar a correcta utilização de certas expressões na LC. Para tal, poderá consultar bases de *corpora*, o que, para as línguas de especialidade, não é fácil (muito menos em português). No entanto, não encontrando essas bases, poderá recorrer a artigos de jornal, revistas, ou seja, a literatura e documentos da área. Esta validação, por assim dizer, da tradução através de *corpora* é especialmente útil quando não se traduz para a língua materna, pois permite comprovar se as hipóteses de equivalência propostas soam ou não naturalmente na LC.

2. A Internet

Conscientes de que a Internet é apenas uma das muitas ferramentas que o tradutor moderno deve conhecer, esta será, para além dos tradutores automáticos, a única que abordaremos com maior pormenor. Outras ferramentas, como *software* para tradução e ferramentas electrónicas que não estejam em linha, poderão ser objecto de outro estudo. A razão de limitarmos as nossas considerações à Internet prende-se com o facto de esta ser, em si mesma, um manancial de ferramentas e de recursos a que o tradutor pode aceder de uma forma rápida, cómoda e relativamente acessível. Por outro lado, pareceu-nos de todo o interesse deixar alguns conselhos relativos à sua utilização, uma vez que, mesmo os tradutores mais jovens, sentem dificuldades em orientar-se *profissionalmente* no caos cibernético.

Para uns, uma maravilha do progresso e, para outros, um enervante mal necessário, a Internet (e muito especialmente a *World Wide Web*) pode ser um precioso auxiliar, disponível vinte e quatro horas por dia, com milhares de informações e recursos (actualizados e de fácil acesso), ou, por outro lado, uma perda de tempo, pouco fiável (afinal qualquer pessoa pode colocar informações em linha) e desesperante: a informação está desorganizada, não está classificada e a técnica nem sempre ajuda... O desafio principal para qualquer utilizador é, acima de tudo, saber “separar o trigo do joio”, conhecer algumas técnicas de pesquisa e de consulta e limitar o acesso às áreas/ páginas e recursos que lhe interessam mais.

2.1 Recursos para tradutores

Já vários autores indicaram e explicaram os recursos que a Internet pode oferecer a um tradutor, tais como o correio electrónico, o Ftp (*File Transfer Protocol*), a *World Wide Web* e os fóruns de discussão (*vide* Austermühl, 2001 e Alanen, 1996), por isso não é nossa intenção explorar exhaustivamente cada um deles. Falaremos mais pormenorizadamente apenas sobre a *World Wide Web* e nos *Fóruns de Discussão* – onde englobamos, talvez não muito correctamente, *mailing lists*, *newsgroups* e *chats* – por forma a tentar otimizar a utilização da WWW, uma vez que esta parece ser a maior dificuldade dos tradutores (Alanen, 1996: 9).

2.1.1 A *World Wide Web*

Todas as ferramentas de que o tradutor necessita nas várias fases do processo tradutivo podem ser (ou não) encontradas aqui: dicionários, gramáticas, enciclopédias, bibliotecas, bases terminológicas, *corpora*, guias de estilo, etc. Tudo depende do que se necessita, quais as línguas de trabalho e de como se pesquisa. De facto, e antes de nos debruçarmos sobre algumas sugestões de pesquisa e de consulta, convém lembrar que um tradutor que tenha como língua de trabalho o português (especialmente o europeu) terá mais dificuldade em encontrar aquelas ferramentas, o que implica um esforço redobrado na selecção dos termos, pois a tradução da LP para a LC quase nunca é directa. O parco investimento em investigação linguística e terminológica que se faz em Portugal, reflecte-se, naturalmente, também *online*.

“Quem procura sempre encontra”? Nem sempre...

Referiremos agora algumas técnicas que poderão facilitar a pesquisa na WWW, tornando-a mais rápida e produtiva. Necessitando o tradutor que ser um especialista em algumas áreas, não tem de o ser em informática, mas deverá ter, pelo menos, formação em “Primeiros Socorros”.

Como em qualquer pesquisa, antes de se começar, há que saber o que se procura. Da mesma forma que não adianta ir a uma Biblioteca Municipal à procura de jornais/revistas estrangeiros, também não adianta utilizar um motor de busca e pensar que “está tudo na Internet”. Por outro lado, até na pesquisa mais elementar, há que ter/dar algumas orientações específicas sobre o que se procura. Na WWW o procedimento não é diferente: entre milhões de documentos, uma má pesquisa pode resumir-se a tentar “encontrar uma agulha no palheiro”.

Tipos de Pesquisa

Austermühl³ indica-nos uma tipologia que contempla o grau de conhecimento que um utilizador pode ter antes de iniciar uma pesquisa, indo, respectivamente, de uma situação de pesquisa de grau maior para outra de grau menor de conhecimento sobre o assunto/sítio:

- Institucional (por URL⁴): Quando já se conhece o sítio, ou se sabe que existe, podemos tentar aceder directamente a ele, indicando o endereço da página;
- Temática: Quando não se sabe exactamente onde procurar e se tem apenas uma ideia da área onde o tema se insere⁵;
- Por Palavra-Chave/ Frase: Quando se dispõe de poucos dados sobre o tema a pesquisar.

No entanto, para além do tipo de pesquisa levado a cabo, principalmente na pesquisa por palavra-passe, há que saber indicar, no motor de busca utilizado, as directrizes necessárias para que os resultados sejam rápidos, limitados e eficientes. É o que se designa por pesquisa avançada, quer seja seleccionando essa opção no próprio motor, quer utilizando operadores booleanos.

Pesquisa Avançada

Quase todos os motores de busca têm esta opção, podendo utilizar-se certos filtros, de modo a restringir ao máximo os resultados e a evitar o que não interessa. Assim, convém indicar sempre todos os elementos específicos de cada ítem a pesquisar: todas as palavras importantes, domínio (ex.:pt,.com), etc.

Esta pesquisa avançada pode ainda ser levada a cabo no campo de pesquisa geral, com a ajuda de operadores booleanos, utilizados individualmente ou em conjunto:

- AND ou + (para encontrar documentos com todas as palavras indicadas)⁶. Ex.: economia AND globalização
- NOT ou – (comando de exclusão – para indicar o que não interessa). Ex.: Glossário NOT dicionário
- “ ” (para expressões ou frases, de forma a que as palavras apareçam exactamente na ordem indicada). Ex.: “Tradução Automática”
- OR (procura cada uma das palavras indicadas, aumentando, assim, as hipóteses de encontrar a informação que se procura)⁷. Ex.: Tradução OR interpretação

Meta-Pesquisa

Em vez de se procurar informação, consecutivamente, em vários motores, pode-se fazê-lo, simultaneamente, num só motor, por exemplo o *Foreignword* ou através de alguns programas como seja o *Copernic Agent Basic*.

Depois de encontrar, há que analisar!

Tão ou mais importante do que saber pesquisar e encontrar o que se pretende sem perder muito tempo, é encontrar informação credível e fiável, numa amálgama de documentos cuja proveniência, valor e autoria se desconhece *a priori*. Antes de utilizar qualquer informação online, há que validá-la, nomeadamente ao nível do conteúdo, através de alguns critérios, como por exemplo:

- Tipo de Abordagem (é imparcial ou tendenciosa?)
- Profundidade (a informação está bem estruturada ou é uma mera opinião?)
- Rigor (a informação é fundamentada e está correcta, comparando-a com outras fontes?)
- Originalidade (trata-se de informação nova ou é apenas um plágio de outras fontes?)
- Objectivos (qual o objectivo do sítio/ página? Informar? Vender? Publicitar?...)
- Validade/actualização (a informação tem data e está actualizada?)
- Autor (quem escreveu? É credível?)

Sítios para tradutores

Embora reconhecendo que esta temática é, quiçá, a mais atraente para o leitor deste texto, não iremos aqui alargarmo-nos demasiado em listagens de sítios úteis para o tradutor, uma vez que foi criado um sítio – *Ferramentas Electrónicas para Tradução e não só...* –, como apoio à Oficina 1 da Oficina de Tradução 2003, que continua em linha e é de consulta livre em <http://oficinatrad.iscap.ipp.pt/OT1index.html>. Aqui, foram reunidos alguns endereços de dicionários, glossários, bases terminológicas, enciclopédias, bibliotecas, motores de busca e de sítios para tradutores (agências de tradução, bolsas de emprego, etc.), em português, inglês, francês e alemão, dos quais gostaríamos de destacar apenas alguns, por nos parecerem de facto indispensáveis à tradução, independentemente das línguas e linguagens de trabalho ou gostos pessoais.

- *Onelook* – é um motor de busca de palavras, *i.e.*, dá a indicação de várias fontes onde se podem encontrar definições (pesquisa monolíngue) ou equivalentes (pesquisa multilíngue) da palavra indicada;
- *Wordreference* – é uma base de dicionários bilíngues e monolíngues (inglês). Neste último caso, fornece uma excelente definição dos termos;
- *Terminology Collection* – disponibiliza uma completa colecção de dicionários e de glossários;
- *Lexical FreeNet* – Dicionário de sinónimos excelente. Quando não tem resposta remete para outras fontes;
- *Foreignword* – sítio de tradução com dicionários, glossários, tradutores automáticos, etc. Excelente;
- *Linguatca* – permite a livre consulta de dicionários, glossários, corpora (em Português!), etc. e pesquisar nos diversos catálogos (de recursos, de actores, de ferramentas computacionais);
- *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* – o nome diz tudo. Indispensável;
- *Verbix* – Conjugação de verbos em várias línguas. Pode também descarregar-se em versão *freeware*.

Como a lista já vai longa, convidamos os nossos leitores a acederem ao sítio proposto, a analisarem os restantes endereços e a construir a sua biblioteca digital...

2.1.2 Fóruns de Discussão

Como dissemos em 2.1, a nossa abordagem à Internet considera apenas a WWW e os Fóruns de Discussão, onde incluímos *mailing lists*, *newsgroups* e *chats*. Destes três, falaremos apenas dos dois primeiros, uma vez que o último está mais conotado com a utilização da Internet por lazer do que por motivos de trabalho, apesar de existirem *chats* de temáticas profissionais.

Por outro lado, não queríamos deixar de referir esta ferramenta, pois, segundo a opinião de tradutores profissionais⁸, este recurso pode, em certas ocasiões, revelar-se mais útil do que qualquer dicionário ou glossário por dois motivos:

- a. É uma forma de o tradutor se sentir membro de uma comunidade, o que, no caso de tradutores *freelance*, que não trabalham em equipa, ajuda a quebrar a solidão e o isolamento;
- b. É um meio de superar as lacunas de dicionários, glossários, etc.: a experiência de outros tradutores ou o conhecimento de especialistas da área, mesmo a centenas de quilómetros de distância são, por vezes, a única maneira de conseguir definir um termo ou encontrar um equivalente válido.

Mailing Lists

Como o nome indica, são listas que funcionam por correio electrónico, *i.e.*, são círculos de discussão temática em que os membros partilham informação. É necessário um registo prévio, o que salvaguarda participações indesejadas ou inúteis, e, a partir daí, todos os membros recebem as mensagens uns dos outros. É um excelente recurso para se poder comunicar com outros tradutores ou linguistas, mas tem a desvantagem de poder “entupir” a caixa de correio, uma vez que o caudal de mensagens diário, dependendo do tema em discussão e do número de membros, pode ser enorme. No sítio proposto acima podem encontrar-se algumas destas listas.

Newsgroups

São semelhantes às *mailing lists*. No entanto, têm uma participação mais alargada, o que pode trazer mais ruído à comunicação. São grupos de discussão, disponíveis em vários servidores (*newservers*) aos quais é necessário aderir, *i.e.*, apesar do canal de comunicação ser também o correio electrónico, são fóruns independentes da caixa de correio, não havendo o risco desta ser entupida. As mensagens-resposta a qualquer tema proposto são automaticamente “apensas” à mensagem original, o que facilita mais a consulta e selecção do que o caudal indiferenciado das listas referidas anteriormente. Tal como estas, são igualmente um óptimo recurso para contactar especialistas de diversas áreas.

3. Tradutores Automáticos

São, no meio de muitas outras que aqui poderíamos referir, uma ferramenta de trabalho preciosa, por um lado, e, por outro, talvez o inimigo mais temido dos tradutores. Louvada por uns – empresas-clientes – como a solução rápida e económica que veio resolver todos os problemas de tradução, e criticada por outros – tradutores humanos – pela falta de qualidade, falhas de transferência linguística e ameaça de extinção da classe, a TA não será nem uma coisa nem outra. Como diz Austermühl⁹,

The antiquated image of a lone translator, armed only with a pencil or a typewriter and surrounded by dusty books, is no longer realistic. However, the idea of an independently acting, errorfree translating machine is equally unrealistic and will not become a reality for a long time, if at all.¹⁰

De facto, a TA tem vantagens e desvantagens, dependendo do texto que se pretende traduzir¹¹ e, para além disso, veio para ficar... e para ser

aperfeiçoada. Por outro lado, todos sabemos que não há traduções perfeitas, quer sejam feitas pelo Homem, quer pela máquina. Neste contexto, a melhor solução para os tradutores, depois de tantas quezílias sobre a ameaça e falhas da TA, parece ser a de seguir a sabedoria milenar de “se não podes vencê-los, junta-te a eles” e, dessa união, aproveitar o que de bom tem a TA para oferecer:

- uma pré-tradução indicativa que pode poupar muito tempo;
- uma melhoria da qualidade do serviço prestado, com o auxílio da máquina;
- a ideia de que a máquina precisará sempre do Homem para ser perfeita;
- a criação de novas profissões, como seja a de revisor.

Assim, segundo alguns autores, a actividade de revisão dos textos traduzidos automaticamente será a tarefa principal dos tradutores no futuro¹², *i.e.*, a sua função consistirá em dar sentido à pré-tradução produzida pela máquina, já que esta não entende o que traduz, nem tem bom senso.

No entanto, independentemente da perspectiva de cada um em relação a esta questão – não é nossa intenção discutir este problema aqui, apenas referi-lo, não como um problema mas como um desafio –, é indiscutível que a TA irá desempenhar um papel crucial neste milénio, ajudando a derrubar as barreiras de comunicação num mundo recentemente globalizado.

CONCLUSÃO

Independentemente desta previsão se concretizar ou não, a verdade é que, como em todos os sectores, também a indústria da comunicação e da linguagem e os seus operários têm que, cada vez mais, saber trabalhar com a tecnologia. O mundo industrializado não pára e o que interessa é ser o primeiro a chegar ao mercado global e a tradução não pode vir “depois”... Por isso, se o tradutor quiser estar à altura do mercado da tradução, tem que, como dizíamos no início, estar “no local certo, à hora certa”, *i.e.*, não pode aparecer depois do produto. Tem que nascer com ele ou, pelo menos, acompanhá-lo desde muito cedo, ou seja, tem de deixar a sua “torre” e ir para a linha-de-montagem:

It is obvious that translators can achieve substantial savings by having access at any one moment to full information on the design and production process languages of their clients, so that they are available in final printed form at the same time as the product is ready for marketing. (Sager, 1993: 294)

Ao deixar de ser um escritor e passar a ser um “operário” especializado, o tradutor não pode esquecer a sua mala de ferramentas, mantendo-as sempre em

ótimo estado (leia-se actualizadas): recursos online, ferramentas linguísticas usadas na TA, a própria e a melhor tecnologia ao serviço da tradução.

¹A indústria automóvel, aeronáutica e farmacêutica, só para dar alguns exemplos, já utilizam há muito a tradução automática com óptimos resultados.

² Segundo estatísticas recentes, 75% do trabalho do tradutor é gasto em pesquisa.

³ *Op. Cit.*

⁴ *Uniform Resource Locator*, i.e., o endereço de uma página na WWW.

⁵ *Uniform Resource Locator*, i.e., o endereço de uma página na WWW.

⁶ Em alguns motores, como o *Google*, não é necessário este operador. Esta função é assumida por defeito.

⁷ Comando útil, por exemplo, na pesquisa de sinónimos.

⁸ Vide Alanen, *Op.Cit.*

⁹ *Op.Cit.*, pág. 11.

¹⁰ Sublinhado nosso.

¹¹ A TA pode ser ótima a traduzir um texto informativo, pobre em estilo e ambiguidade, i.e., com uma linguagem controlada, e desastrosa na tradução de um texto com um conteúdo mais literário.

¹² Segundo Champollion (2001), dentro de três a cinco anos, o tradutor será apenas um revisor de textos.

BIBLIOGRAFIA

ALANEN, Anukaisa (1996), "The Translator and the Current Services of the Internet", Proseminar Paper. (20.1.2003) <http://www.uta.fi/~tranuk/prosemc.htm>

SAGER, Juan C. (1993), *Language Engineering and Translation: Consequences of Automation*, Amsterdam; John Benjamins.

WRIGHT, Sue Ellen, "The Inappropriateness of the Merely Correct: Stylistic Considerations in Scientific and Technical Translation", in Sue Ellen Wright e Leland D. Wright, Jr. (eds.) (1993), *Scientific and Technical Translation*, Amsterdam; John Benjamins.

HERMAN, Mark, "Technical Translation Style: Clarity, Concision, Correctness", in Sue Ellen Wright, Leland D. Wright, Jr. (eds.) (1993), *Scientific and Technical Translation*, Amsterdam; John Benjamins.

NIEDZIELSKI, Henry e Leonid Chernovaty, "Linguistic and Technical Preparation in Training of Technical Translators and Interpreters", in Sue Ellen Wright e Leland D.

Wright, Jr. (eds.) (1993), *Scientific and Technical Translation*, Amsterdam; John Benjamins.

TEAGUE, Ben, "Retooling' as an Adptative Skill for Translators", in Sue Ellen Wright e Leland D. Wright, Jr. (eds.) (1993), *Scientific and Technical Translation*, Amsterdam; John Benjamins.

AUSTERMÜHL, Frank (2001), *Electronic Tools for Translators*, Manchester; St. Jerome Publishing.

CHAMPOLLION, Yves, "Machine Translation (MT), and the Future of the Translation Industry", in *Translation Journal*, Vol. 5, n°1, Janeiro de 2001. (2.2.03) <http://accurapid.com/journal/15mt.htm>.